

A Crise Europeia: Entre o niilismo do presente e a invenção do futuro

Silvério da Rocha Cunha · Irene Viparelli (coords.)

La Crisi Europea:
Tra nichilismo del presente
e invenzione del futuro

lúmus

Índice

- 7 Nota prévia
- 11 L'Europa centrifuga. Debolezze istituzionali, nuova governance economica
Alessandro Arienzo
- 37 Crisi dell'euro nel quadro dei conflitti interimperialistici, e internazionalismo proletario in un'analisi di Guglielmo Carchedi nel 2012
Giuseppe Antonio Di Marco
- 55 Um mundo em dissonância
Marco António Batista Martins
- 69 Para um cosmopolitismo da proximidade
André Barata Nascimento
- 83 A Europa e o colapso: Uma reflexão a partir do discurso político de Carlos Taibo
João Inácio Tavares Roberto
- 103 A grande dissonância cognitiva: quatro reflexões aporéticas em torno da crise europeia
Silvério da Rocha-Cunha
- 121 Transnazionalização della democrazia: un'utopia realista per superare la crisi dell'Europa
Anna Pia Ruoppo

A CRISE EUROPEIA: entre o niilismo do presente e a invenção do futuro

Coordenadores: Silvério da Rocha Cunha
Irene Viparelli

Capa: Sal Design Studio

© 2019, Edições Húmus

Edições Húmus, Lda., 2019

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef.: 926 375 305

humus@humus.com.pt

ISBN: 978-989-755-405-6

Impressão: Papelmunde – V. N. Famalicão

1ª edição: Abril de 2019

Depósito Legal: 454975/19

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/CPO/00758/2013

que assolará a região peninsular. O turismo que hoje suporta a economia do sul da Península sofrerá uma enorme quebra, enquanto as populações tenderão a deslocar-se para norte. A estas alterações somar-se-ão

os efeitos da chegada de pessoas oriundas do Norte de África. Com a *ordem pública* em perigo, as autoridades – ou o que restar delas – terão problemas em travar a chegada massiva de imigrantes provenientes do Sul, e em canalizar, a tempo, as migrações internas^[40].

Conclui o autor afirmando que, embora o cenário com o qual se depararão os países da Península não pareça tão problemático quanto o dos países pobres, na realidade tal não será assim. Confrontado com o colapso, um paradigma de sociedade dominado pela tecnologia e suportado por consumos energéticos insustentáveis, característico do Norte opulento, desembocará num abrupto salto no abismo para Portugal e Espanha. Certamente, finaliza Carlos Taibo, «o que restar deles, multiplicará os problemas»^[41].

40 *Ibid.*, p. 143.

41 *Ibid.*, *ibid.*

A grande dissonância cognitiva: quatro reflexões aporéticas em torno da crise europeia

Silvério da Rocha-Cunha

1

Diz-se que, quando a Rainha Isabel II de Inglaterra inaugurou, em plena crise iniciada em 2008, um novo edifício na London School of Economics, perguntou: “*Why did nobody notice it?*”^[1]. Com a crise europeia passa-se algo semelhante com a deceção que se verificou com todos os acontecimentos extremos na Europa a partir do século XVIII: como foi possível? É esta, afinal, a pergunta com que o pensamento político europeu encarou, recorrentemente, todas as grandes e graves tensões da Modernidade. E é também por isso que, quando um pensador do calibre de Habermas se debruça sobre a problemática europeia^[2], a crítica fundamental, que incide sobre a falta de audácia na construção institucional da União Europeia, radica no facto de as estruturas legislativas ficarem, não apenas além do “realmente existente”, mas ainda aquém dos princípios orientadores do projeto moderno, que cobre sobretudo os dois séculos entre 1750-1950. Como diz Habermas, os processos efetivos de construção europeia sempre padeceram de dois défices: um, de natureza

1 *Apud* Desai, Meghnad, *Hubris: Why economists failed to predict the crisis and how to avoid the next one*, New Haven/London, Yale University Press, 2015, p. 7.

2 Cf. J. Habermas, *Ay, Europa!*, trad., Madrid, Trotta, 2009.

A crise internacional de 2007/2008 veio, indubitavelmente, inaugurar uma nova época da história europeia, caracterizada pela ininterrupta proliferação de sucessivos cenários de emergência. De facto, poder-se-ia interpretar a história mais recente da União Europeia como um verdadeiro “estado de exceção permanente”, em que as crises não deixam de se multiplicar: *Grexit*, crise da dívida soberana, populismos reacionários, terrorismo, crise dos refugiados, *Brexit*. A progressiva complexificação e deterioração do quadro político têm empurrado a crise da Europa até um ponto que parece sem retorno – o de um *impasse* político insuperável e de um bloqueio definitivo do seu projeto constituinte –, chegando a colocar em causa a própria sobrevivência da União. Contudo, é impossível considerar este presente europeu, tão incerto e precário, apenas como uma consequência da crise internacional de 2007/2008, uma vez que ele se enraíza na complexidade da própria história europeia, isto é, nas bases heterogêneas, e por vezes contraditórias, do seu processo de integração.

ISBN 978-989-755-405-6



9 789897 554056



Centro de
Investigação em
Ciência Política



UNIVERSIDADE DE ÉVORA



Universidade do Minho



REPÚBLICA
PORTUGUESA

FCT

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia